



“PRINT SCREEN”: UMA TECLA, UM RECURSO, CAPTURA DE SENTIDOS ATRAVÉS DA IMAGEM...

Tássia Gimenes¹

Esse artigo tem origem nas reflexões acerca da tese de doutorado pautada na Análise de Discurso de linha Pêcheuxtiana na qual temos como *corpora* comentários em páginas feministas no *Facebook*. Considerando as especificidades dessa materialidade discursiva algumas perguntas surgiram e delas a necessidade de iniciar a escritura da tese pela metodologia. Como recortar as sequências discursivas nessa plataforma digital que por princípio está em constante mutação? Colocada essa primeira questão, opta-se por lançar mão do *print screen*. Nesse texto não visamos analisar os *corpora* da tese de doutoramento ainda embrionária, justamente por isso pretendemos discutir os procedimentos de análise que não só se relacionam com a pesquisa, mas se colocam como discussão teórica acerca do *print screen* para a Análise de Discurso (AD).

T tecnicamente podemos dizer que o *print screen* é uma tecla do computador que permite capturar a imagem da tela (exceto o ponteiro do *mouse*) e copiá-la para a área de transferência do computador, para que seja possível sua manipulação. Traduzindo ao pé da letra o nome da tecla, vemos que em inglês as duas palavras nos remetem à impressão da tela. No entanto, buscamos pensar esse recurso disponível nos computadores discursivamente e nos questionar sobre os efeitos que esse tipo de recorte terá sobre as sequências discursivas. Entendemos que optar pelo uso do *print screen* para coleta do material de pesquisa é um gesto de análise que urge por interpretação. Afinal, cada vez que a analista apertar a tecla diante de comentários na página do *Facebook* ocorrerá uma captura de sentidos através da imagem. Como uma foto que estabiliza, prioriza, destaca e também apaga sentidos. Sem nem mencionar os sentidos que estão por vir (os futuros, ainda não-mencionados) que serão impedidos e silenciados por uma imagem que sempre remeterá ao passado, seja ela ainda existente na rede social ou não. Daí trazemos a metáfora da foto para descrever o *print screen*.

Considerando que o discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2009), o *print screen* visa represar o curso desse rio de sentidos e informações que é o *Facebook* e os comentários nele feitos. Podemos pensar o *print* como uma impressão exata da tela. Uma fotografia de um exato momento na rede, foto que também é texto congelado, flutua na interseção do dois, imagem/texto. Então como funciona o discurso quando represamos suas margens em uma fotografia por conta de objetivos de análise?

Para início de discussão, devemos destacar que um sujeito fez esse gesto de análise. Sujeito este assujeitado pela ideologia naturalizadora, esquecendo que esquece. Com intuito de recortar sequências discursivas (SD) para compor o *corpus* a analista inevitavelmente busca a completude. Quando analisamos SDs retiradas de um livro, de uma música, de um quadro, um discurso político,

¹ Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: tassialgalves@ig.com.br



um filme, uma notícia, por exemplo, se coloca um efeito de completude. Há um todo do qual selecionamos algumas partes para análise. Como sabido, não existe completude no que tange a questão discursiva, há um efeito, o discurso vem e vai, fala de outros lugares que a materialidade não pode dar conta. Trabalhar com comentários torna isso ainda mais complexo, pois não há todo, ou melhor, seu efeito. Os comentários podem ser infinitos, em constante processo de atualização e apagamento inviabilizam a leitura de todos os comentários de uma publicação, já que não há todo definido. Daí o papel do *print screen*. Esse mecanismo “não deixa” as SDs recortadas se perderem e escaparem nesse processo de renovação do que se diz na rede social. Ele é o efeito de completude dessa materialidade digital. Aparenta conter todos sentidos possíveis, uma vez que seria uma foto do real. No entanto, sabemos que o real é inatingível. Conforme Pêcheux (2012, p.29),

‘há real’, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’. (O real é impossível... que seja de outro modo).
Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra.

O *print* estabiliza uma fração de segundo desse real impossível, se depara com ele. Não podemos deixar de ressaltar o quanto esse efeito de completude é satisfatório para a analista do discurso. Uma busca de linearidade que não passa de um efeito quando se trata do discurso. Trata-se de um desejo inescapável de controlar os sentidos, de dominá-los, estabilizá-los e depositá-los em uma imagem estática. Esse seria um *corpus* fechado e essencial para um sujeito desejante, exceto pelo fato de que estamos falando do virtual que não compreende o estático.

Como dito, é inerente ao sujeito e consecutivamente ao analista buscar estabilizar sentidos. O sujeito se assume origem de seu dizer e acredita não haver outras formas de dizer, já a analista, por sua vez, interpreta seu *corpus* como se sua interpretação e análise fosse a única possível. O ato de emoldurar essa foto, o *print*, se relaciona a esse desejo de ter um sentido único, sentido passível de ser encontrado, como se o real estivesse contido dentro da moldura. A moldura (seja ela qual for) contém sentidos que sempre podem ser outros, o que faz qualquer análise de uma mesma materialidade única. Na mesma medida, a moldura existe para limitar o espaço do *print/foto* do restante do mundo de dizeres. Todo o não-privilegiado pela moldura representa o deixado de fora, o silenciado e apagado. Apesar do *print* oferecer esse conforto de um efeito de estabilização isso não ocorre de fato. Funciona em termos metodológicos para que haja um registro das SDs no trabalho e para que as SD não se percam na rede social, embora já estejam perdidas, indo, vindo e se transformando. Com intuito de perceber como o *print* é incapaz de capturar com sua lente os sentidos, discorreremos sobre algumas características do *Facebook* que fazem com que os dizeres pareçam um grande rio turbulento e a tentativa de fotografar suas águas correndo completamente ineficaz. Essas metáforas nos fazem retomar Bauman (2001, p.08) que traz a ideia de que “os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho”. Estamos falando do discurso funcionando como efeito de sentido como postulou Pêcheux.



Perpassando sujeitos, formações discursivas e se interligando ideologicamente. Vale ressaltar que como se não bastasse esse funcionamento que é próprio do dizer, o *Facebook* funciona mais ou menos pela mesma lógica. Sempre em movência, transbordando de dizeres e sujeitos, lógica imposta pela modernidade também líquida e escorregadia, segundo Bauman.

O *Facebook*, enquanto rede social, está sempre em processo de atualização, há uma constante transformação, nunca está fechado e pronto. Pensando-o como plataforma angariadora de perfis de internautas, páginas e conteúdo em geral, observamos que páginas são excluídas e criadas a todo momento e até mudam de nome ou de temática no tempo de um clique.

Toda atualização “faz emergir outros funcionamentos, desencadeia conflitos, desbloqueia situações, instaura uma nova dinâmica de colaboração...” (LÉVY, 1995). Ao utilizar o *Facebook* o sujeito é levado pelos diferentes funcionamentos e constantes novidades da plataforma digital. O *print* ao traçar limites entre o momento registrado no ato de apertar o botão e o que ficou de fora não dá conta das atualizações, por vezes captura um instante ou parte das atualizações, mas os limites do *print* não permitem que ele abarque outras possibilidades de dizer. Sobre isso, Lévy explica que a atualização é “criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades (LÉVY, 1995, p. 16)”. É o “novo” funcionando.

Para além das páginas que compõem esse universo da rede social, existem também formas de atualizar/editar os comentários que *printamos* para análise. Essas possibilidades se colocam conforme a legitimidade de alteração dada pela plataforma. Tratando-se do(a) autor(a) do *post* há a possibilidade de excluir comentários de terceiros e excluir ou editar seu próprio comentário. Vale ressaltar a memória metálica (ORLANDI) funcionando e disponibilizando um histórico de edições onde é possível checar o que foi alterado em determinado comentário. Essa é uma das facetas que provavelmente nossos *prints* não darão conta por motivo de espaço físico dentro das molduras, uma vez que para acessar essa memória registrada e presente que aponta para o *post* primário é necessário clicar para que uma nova aba se apresente.

Por outro lado, quando acessamos postagens de uma página há limitações e diferenças no que concerne as possibilidades do usuário. Ainda existe a possibilidade de edição e de visualizar a edição de outrem, estabelecendo um espaço para o dizer que falha, bastando clicar para ter acesso ao texto primeiro. Podemos ocultar determinado comentário, não excluir definitivamente e também denunciar, reportando comportamento considerado inapropriado para avaliação do *Facebook*. Quanto aos comentários da própria usuária permite-se edição e exclusão.

Em ambos os casos (Postagem própria ou de outros) é possível comentar por escrito postagens e também utilizar uma série de cinco *emojicons* como comentário que visam expressar emoções por meio de símbolos e expressões faciais que são desenhadas e nomeadas como: “Curtir, Amei, Haha, Uau, Triste e Grr (onomatopeia utilizada para demonstrar raiva)”. Além dos comentários por escrito que abrem possibilidade para dizer e continuar dizendo a partir de uma resposta. Essa sequência pode ser feita inúmeras vezes: comentário, resposta, comentário da resposta, resposta ao comentário da resposta...



Importante ressaltar que as ferramentas para comentar vêm se transformando e atualizando juntamente com a rede social. Hoje descrevo as possibilidades de comentário dessa forma, amanhã podem ser outras completamente distintas, considerando o caráter fugaz e de mutação contínua que o ambiente “virtual” proporciona, ainda mais quando se trata de uma rede social na qual muitas pessoas interagem a seu bel-prazer.

Nesse sentido, entendemos que existem inúmeras formas de recortar o *corpus* aqui escolhido. Quando lançamos mão do *print* fazemos um recorte do recorte já feito pela rede social que possibilita que esses comentários possam ser “recortados” ou deslocados dentro do próprio *post*, organizando-os por ordem cronológica ou de relevância automaticamente de acordo com o número de curtidas.

Assim, é necessário cuidado para que não haja um direcionamento das SDs ainda que sem intenção por parte da analista. Entendemos, portanto, que não é possível fotografar e estabilizar sentidos de comentários no *Facebook*. Existe uma mostra do que ali foi deixado por quem utiliza a rede social. O intuito não é achar a verdade ou o real do discurso dos comentários por meio do *print*, e sim, pensar as construções discursivas que ali aparecem e como se dão via *print*.

Nessa rede nos deparamos com a não completude representada pelas ferramentas de exclusão e edição que nos convoca a aceitar que é da ordem da impossibilidade ler todos os comentários expressos ali. A linguagem, conforme pensada por Pêcheux, é política.

Há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (...), a vontade do 'um', o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar de muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento (ORLANDI, p.12).

A linguagem nesse lugar midiático que é o *Facebook* se dá quase que obrigatoriamente no jogo entre imagens (sejam eles memes, *emoticons*, reações aos *posts* e comentários) e a materialidade escrita. No funcionamento do *print screen* no *Facebook* notamos que assim como em outras materialidades, temos um espaço dado que limita através do espaço físico e das formações discursivas o que pode, deve e será dito ali. No entanto, o *print* fotografa um momento determinado da materialidade digital que transita entre lembrar e esquecer, apagar e deixar dizer, censurar ou não e as constantes atualizações. Encarcerar sentidos dentro de um *print* não faz com que existam na rede, já que podem ser apagados e ou invisibilizados. A arquivo formado pelos *prints* é um arquivo diferente de uma série de cartas ou reportagens, pode não estar mais lá, embora tenha se colocado em algum momento. Esse arquivo fala de um lugar já perdido, apagado, representa o incapturável. Movência congelada transborda os limites das ferramentas digitais, se perde num infundo de sentidos que se perpassam nas constantes atualizações.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2011.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD- 69). In: *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Org.; Françoise Gadet; Tony Hak; Tradução Bethania S. Mariani [et al]- 4ª Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6ª edição, Campinas, SP. Pontes editores, 2012.